Para glória de Deus e pela unidade do corpo: o educar na instauração e manutenção da ordem social na América portuguesa

Iara Bottan[1]
José Maria de Paiva[2]

Este presente trabalho é parte de nossas reflexões acerca do projeto de expansão da Coroa portuguesa e da atuação da Companhia de Jesus como coparticipante nesse processo. Nosso estudo buscou compreender a ocupação territorial da América portuguesa a partir do pensamento social e político de cosmovisão da cultura concebido pelos portugueses, no esforço de fazer uma leitura histórico-cultural de nosso objeto de pesquisa, contextualizada na dimensão tempo-espaço. O suporte principal de nossas discussões são as Atas da Câmara da Villa de São Paulo (1562-1639); as Cartas dos padres jesuítas Inácio de Loyola, José de Anchieta e Manuel da Nóbrega; os Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola; as Constituições da Companhia de Jesus e Normas Complementares; e excertos das Ordenações Afonsinas. Objetivamos, por meio da leitura e análise dessas fontes documentais, perceber e mostrar as relações que se constituíam no processo de assimilação do indígena como integrante do corpo social e as tensões na tentativa de moldá-lo pela educação catequética. A base do pensamento corporativo português quinhentista está ancorada na concepção do corpo místico, cujos fundamentos encontramos sistematizados pelas epístolas paulinas. O indígena, denominado gentio na concepção paulina, entendido como parte da comunidade de fiéis da cristandade católica, deveria ser preparado para a salvação, o que consistia em educá-lo para que adquirisse hábitos cristãos. A docilização do indígena promovida educação catequética permitiria agregá-lo ao corpo social no projeto de colonização, de acordo com os interesses defendidos pelos dois grupos – portugueses e jesuítas – e assim fazê-lo semelhante, um próximo, na tentativa de reduzir a distância entre sua forma de ser – umbilicada por seus mitos e ritos – e a forma com que se orientava a política expansionista do Império português. Nesse sentido, as instituições de ensino jesuíticas na terra em missão atuavam na construção da sociedade e da cultura, estabelecendo-se como espaços culturais, religiosos e de formação de valores.

[1] Professora no curso de Pedagogia da Faculdade de Conchas – FACON. Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Doutoranda em Educação no Programa de Pós- Graduação da Universidade Metodista de Piracicaba. Núcleo de Pesquisa História da Educação. Integrante do Projeto de Pesquisa Educação, História e Cultura: Brasil, 1549-1759. Contato iarabottan@gmail.com

[2] Doutor em Educação. Professor titular da Universidade Metodista de Piracicaba, atuando junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Núcleo de Pesquisa História da Educação. Coordenador do Projeto de Pesquisa Educação, História e Cultura: Brasil, 1549-1759. Contato: jmpaiva048@gmail.com